



ISSN 1981 - 3031

O ANALFABETISMO ESCOLAR: UM ESTUDO DE CASO COM ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS.

Genelva da Silva Pedrosa – UFAL
nelvapedrosa@yahoo.com.br

RESUMO:

O presente trabalho foi elaborado a partir dos resultados do IDEB 2009 e mostra o analfabetismo escolar dos alunos do 6º ano de uma escola pública, e a desafiadora tarefa dos professores em alfabetizar, neste período. Ao realizar uma pesquisa em sala de aula, foi constatada a urgência de se definir um método de alfabetização de acordo com a realidade do educando, apontando as estratégias cognitivas como eixo para melhorar a qualidade da educação no processo de codificar e decodificar textos visando contribuir para a democratização da leitura de alunos oriundos de classes desprivilegiadas da cultura letrada. Baseado nas discussões trazidas por Silveira e Bortoni Ricardo, este trabalho apresenta três pontos importantes para discussão da alfabetização, os quais são: A importância de um método de alfabetização que o professor domine e facilite a aprendizagem do aluno, a importância de alfabetizar respeitando a cultura lingüística do aluno e a necessidade de um material didático de qualidade e adaptado para o professor alfabetizador.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização, Escola, Linguagem.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho fala sobre o analfabetismo escolar perceptível em alunos do 6º ao 9º ano estudantes de escolas públicas, bem como as supostas conseqüências que acarretaram este problema na sociedade atual.

“O inciso I, do artigo 214 da LDB, de 1996
Garante através da constituição federal
a erradicação no analfabetismo.”

Esta garantia mesmo assegurada por lei, decretada há mais de uma década e vigorando nos trâmites legais da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) parece não ter funcionado para a maioria do povo brasileiro, pois as pesquisas do IDEB ainda continuam apontando altos índices de analfabetismo, principalmente nas camadas desfavorecidas de cultura erudita.

1-A importância de um método de alfabetização que o professor domine e facilite a aprendizagem do aluno

Percebe-se que na maioria das vezes as medidas tomadas pelo sistema nacional de educação não servem para erradicar o problema, pois ao invés de ser tomadas atitudes que realmente funcionem são tomadas medidas que só servem para disfarçar o problema, por exemplo: desde 2008 que o sistema de ensino diz que os alunos de 1º, ano, 2º ano e 4º ano das séries iniciais do ensino fundamental são proibidos de reprovarem, outra coisa que não funciona é sugerir que os professores usem métodos inovadores sem antes terem uma preparação para isto, e uma vez que alguns professores não dominam certos métodos e por sua vez não tem uma qualificação profissional adequada para repassar outro método qualquer que não seja o tradicional.

Durante a pesquisa foi observado a crítica dos professores quanto ao método construtivista do qual eles o denominam dentro de verdadeiros conflitos de “inovações que não adianta”.

O tema analfabetismo escolar apresenta-se hoje como uma nova demanda no mundo educacional, pois até meados desta década apenas conhecíamos o analfabeto que nunca freqüentou a escola e agora convivemos dia-a-dia com alunos que mesmo freqüentando a escola assiduamente e passando de ano letivo é considerado analfabeto. Muitos desses alunos só mecanizaram a arte de escrever parte do próprio nome e algumas letras do alfabeto.

Diante desta polêmica está surgindo um novo dilema nas séries finais do ensino fundamental. Como trabalhar no 6º ano com um aluno que precisa dominar a leitura e a escrita, ou seja, que precisa ser alfabetizado? E o professor do 6º ano como deve proceder diante de fatos como estes, seguir o sistema ou dá uma parada e atrasar os conteúdos? E o restante da turma que já foi alfabetizada vai ter que parar no tempo e esperar que alguns colegas tenham condições de acompanhá-la?

[...] Muitos casos de dificuldades na leitura são também provenientes da prática da leitura inócua, sem significação para o leitor, que se inicia desde o período das cartilhas, e que vai gerando um certo desinteresse na criança, bloqueando-lhe a mente e desestimulando-a a fazer qualquer esforço no intuito de atribuir sentido ao que ler.
SILVEIRA, Maria Inês Matoso. (2005p.129)

Devido à dificuldade que a escola tem de ensinar a ler e escrever nesta situação, estas evidências de fracasso apontam a necessidade de reestruturação do ensino da língua portuguesa principalmente nos primeiros anos escolares do educando através de um método que seja adequado para a realidade tanto dos professores quanto dos alunos e que esteja inserido dentro de seu meio social.

Este trabalho se dedica em mostrar principalmente as dificuldades que os educandos sentem em compreender os textos propostos para leitura e organizar idéias por escrito de forma legível que também está ligada a grande dificuldade que a maioria dos professores tem de usar alguns métodos de alfabetização propostos pelo sistema de ensino.

A existência de professores de língua portuguesa que não conseguem transmitir

o entusiasmo pela leitura, pelo fato de eles mesmos não serem leitores proficientes e por não terem o hábito da leitura como algo incorporado às suas vidas. Silveira, Maria Inez Matoso. (2010, p.13)

Essa abordagem nos mostra que para o educando aprender a designar com qualidade o processo de codificação e decodificação, é preciso que o alfabetizador os leve ao domínio de conhecimentos, que permitam o uso dessas habilidades nas práticas escolares de leitura e escrita. O aprendiz precisa ter clareza sobre a leitura para que possa desenvolver sua auto capacidade de decifrar e entender o código escrito e para isso se faz necessário que o professor utilize de práticas fáceis de aprendizagem e que tenham total domínio sobre estas práticas. Pois ao contrário tanto o professor como o aluno podem entrar em conflito e não terem êxito em seus trabalhos de aprendizagem.

Vale ressaltar que durante a pesquisa foi constatado que o método de alfabetização tradicional ainda é o melhor para ser dominado pelos professores alfabetizadores oriundos de culturas que não teve o hábito de leitura. Ao citar este fato vê-se a relevância de que não se podem fechar os olhos para a realidade do educador, pois sendo este o principal sujeito ativo na alfabetização também é necessário estudar sua cultura para saber qual método o mesmo vai dominar melhor, uma vez que nem mesmo os cursos universitários conseguiram mudar a postura de muitos profissionais da alfabetização e transforma-los em leitores ativos.

Alguns meios de alfabetização:

Sintético

Esse ensino parte das letras, sons ou sílabas que, quando combinados formam as palavras, insistindo na correspondência entre o oral e o escrito.

Analítico Palavração: caracteriza-se pelo treino de palavras soltas, para que sejam memorizadas.

Sentenciação: Aprende-se primeiro a oração e em seguida, divide-se a palavra seguindo com o sistema de palavração.

Conto: Parte-se de uma história que é memorizada pelas crianças, passando para a decomposição dessas em orações, palavras e, em seguida, sílabas ou letras.

Construtivismo segundo as autoras a criança desenvolve sua própria maneira de aprender a ler e escrever, buscando construir seu conhecimento por intermédio de elaboração de hipóteses e do produto de um conflito cognitivo que permita a ela avanços frente ao sistema de escrita.

Porém, para permitir que essa teoria tenha avanços seria necessário propiciar ao educando um convívio forte com um rico e variado material, que envolva leitura e escrita, além de permitir que se produzam escritas espontâneas, propiciando a evolução no processo de construção do sistema.

Porém, apesar de algumas escolas defenderem o construtivismo como o melhor meio de alfabetização, no entanto essa teoria muitas vezes não se ajusta a realidade da escola pública de ensino fundamental brasileira que por vezes tem um limitado e pobre acervo de material de leitura e escrita, e também é pobre em estrutura de espaço para bibliotecas, e é constituída por alunos que vindos das camadas populares também não usufruí em casa de um rico material de gêneros textuais e eficientes incentivos por parte dos

pais. Sendo assim, o construtivismo se torna inviável para assegurar a alfabetização eficiente de alguns alunos da escola pública.

A questão é responder, como organizar o processo didático nas diferentes escolas brasileiras, para seus diferentes alunos[...], temos que escolher uma forma de ensinar o nosso português, temos de escolher procedimentos que ajudem a formar essas atitudes.
MOURA, Denilda, org.(2000 p.69)

Sabe-se ainda que as nossas crianças que são oriundas das classes menos favorecidas de cultura científica estão sempre desprovidas de estímulo em relação a educação e cultura e na sua maioria são carentes até de amor e com

2- A importância de alfabetizar respeitando a cultura lingüística do aluno.

Entre numa lida muito dificultosa. Martírio sem fim o não entender nadinha do que vinha nos livros e do que Mestre Frederico falava. Estranheza colosso me cegava e mim punha tonto. Acho bem que foi desse tempo o mal que mim acompanha até hoje de ser recanteado e meio mcorongo[...] Já sbia ajuntar as sílabas e ler por cima toda coisa mas descrencei perdi a influência de ir a escola, porque diante dos escritos que o mestre me passava e das lições marcadas nos livros, fiquei sendo um quarta-feira de marca maior. Alívio bom era quando chegava em casa. (BORTONI, Ricardo; 2004,p.13)

Diante desse enfoque vê-se a necessidade de um trabalho mais significativo para o aluno de alfabetização onde possa envolver este em um ambiente de leitura prazeroso e onde o professor possa valorizar o conhecimento lingüístico que cada um traz de suas comunidades e ao mesmo tempo ter a autoridade de repassar com carinho os novos conhecimentos de forma a não podar o aluno e nem traumatizá-lo na sua aprendizagem.

Se o objetivo da educação é formar bons leitores é preciso desenvolver um trabalho que apresente facilidades no processo de ensino-aprendizagem, tanto para o aluno como para o professor, sendo fundamental que se proporcione materiais pedagógicos de boa qualidade sendo o de maior importância o livro de alfabetização e que este respeite e valorize cada cultura e cada região, trabalhando não somente para o aluno, mas também com o aluno.

Criar estratégias para alfabetizar é ter a leitura e a escrita em primeiro plano na sala de aula e que estas sejam planejadas e que atendam as expectativas dos atores envolvidos em sua ação, elegendo um método de ensino que dê segurança aos professores e que contemple as

crianças advindas das classes menos privilegiadas de leitura e que se encontram em processo de alfabetização, e que em sua cultura seus pais ou responsáveis ignoram suas curiosidades lingüísticas, ora por serem analfabetos, ora por desconhecerem a importância que esta comunicação tem para a formação dos filhos, é o trabalho primoroso do professor em conjunto com o livro didático e a escola.

Todo ato de alfabetizar precisa ser dinâmico, criativo e construtivo onde os alfabetizadores possuam clareza na transmissão dos conhecimentos para levar seus alunos a ter um avanço significativo com a leitura.

Constata que se o professor levar um simples artigo para uma turma de 5º ano, a maioria dos alunos não serão capazes de localizar a informação principal ou entender a finalidade do texto..no 9º ano, poucos conseguiriam identificar as intenções dos autores[...]No Brasil, com 52 milhões de estudantes, atingir a qualidade em educação é um esforço titânico, que exige coordenadas em vários campos.
Revista Nova Escola(2010P.28)

Esta constatação reflete que o problema da aprendizagem no Brasil está sério e que precisa de atitudes que leve os alunos das camadas mais pobres a se alfabetizarem, como um direito que estes possuem dentro da Constituição Brasileira, cabendo a escola e professores terem a capacidade de decidirem a melhor forma que irão atender estes alunos e que dentro de suas formas de atendimento haja compromisso com a sociedade brasileira e principalmente com a comunidade escolar a qual a escola está inserida

preensão, onde as famílias sofridas não dispõem de condições para incentivar seus filhos a descobertas alfabéticas e o único motivo pelo qual estas famílias ainda mandam seus filhos a escola são o interesse para conseguirem um emprego no futuro e o interesse pelo bolsa família, então há de se perceber que será inviável utilizar um método de ensino para estes aprendizes onde irá sugerir que eles busquem em casa meios para complementar suas descobertas, talvez este método seja até crucial ou revestido de preconceito onde pode excluir alguns alunos de se alfabetizarem e continuarem na escola apenas para fazer número.

3- Anecessidade de um material didático de qualidade e adaptado para o professor alfabetizador.

“A dar crédito aos livros didáticos, a língua é clara, uniforme, desvinculada dos usuários, deslocada da realidade, semanticamente autônoma e a-histórica. Difícil, pois, achar um lugar e um papel para a oralidade num contexto teórico destes.”
Marcuschi. Luiz Antônio(p.23),

Também foi verificado a ausência de um material didático que contemple as necessidades dos alunos oriundos de classes desprivilegiadas de incentivo a leitura, e também de um material que oriente melhor o professor, pois os livros didáticos existente nas escolas muitas vezes não atraí o aluno por trazer conteúdos fora de sua

realidade e assim exige um esforço maior do professor para incentivar a leitura nos alunos.

A carência de recursos financeiros e, talvez o mau emprego de verbas públicas destinadas ao ensino básico refletem-se diretamente na ausência de materiais e de equipamentos indispensáveis á reprografia de textos numa quantidade necessária ao bom andamento das aulas, desestimulando até os professores mais preparados a adotarem uma prática sistemática de leitura.
Silveira, Maria Inez Matoso(2005

Partindo dessa concepção, destaca-se que mesmo com todo o domínio das várias linguagens e dos grandes recursos nos tempos atuais ainda se faz necessário que haja investimento no livro didático do aluno e no manual do professor, pois estes são insubstituíveis e para que eles venham se adaptar com a necessidade que cada educando apresenta, e que também possa ser incrementados assuntos que estejam relacionados a cada cultura regional, pois em um país onde se vive uma pluralidade de culturas não pode ser mais admissível que o livro de português venha ignorar as diversas riquezas lingüísticas existentes nesta pátria ou que retrate apenas por alto, deixando algumas vezes o próprio aluno com crise de existencialismo, onde se está em uma pátria se comunicando de uma maneira e vê seu livro de línguas com outra linguagem sem dar-lhes nenhuma explicação e tratando sua fala como a “errada”.

Diante desta circunstância percebe-se um limite a ser superado no processo de alfabetização, situação esta que compromete o desenvolvimento do trabalho de professor e a aprendizagem do aluno, vale ressaltar que em sua maioria os alunos da rede pública não usufruem um vasto material de leitura em casa e alguns mesmo tendo esses recursos muitas vezes não tem o estímulo da família para tirar proveito dos livros em casa, restando apenas para o professor em sala de aula que também as vezes só consegue ter como material de apoio o livro didático a difícil missão de alfabetizar e letrar seus alunos.

Portanto, é preciso levar os educandos a designar o processo de codificação e decodificação, para em seguida leva-los ao domínio dos conhecimentos que permitem o uso da leitura e escrita nas práticas sociais. O aprendiz precisa ter clareza sobre a leitura para que possa desenvolver sua auto-capacidade de decifrar e entender o código escrito, para que seja compreendido o ponto chave para o letramento, visando que o aluno só está letrado a partir do momento em que entende o que leu.

Este trabalho apresentará também indicações que certificará que o processo de alfabetização tradicional deve ser trabalhado com textos de interesse do aluno e também com diversas atividades que dependem da criatividade do professor, uma vez que não podemos vincular o método tradicional de alfabetização com a comodidade do educador, por exemplo, um educador jamais deve usar apenas um texto durante uma semana. Ser a favor do método tradicional é reinventar o processo sem perder a linha de codificação e decodificação que se faz necessário para a aquisição da aprendizagem do aluno nos anos iniciais. E, se torna mais fácil a partir da orientação de um livro didático comprometido em atender as mais diferentes camadas sociais e suas diferentes riquezas lingüísticas que forma o país.

a falta de planejamento e sistematicidade das propostas efetivadas em sala, além de pouca clareza que a escola indica ter sobre os elementos que compõem o processo de escritura , ajudam a formar o nó que emperra a passagem dos alunos ao universo letrado

.(CAVALCANTE,

Maria Auxiliadora. e FUMES, Neiza de Lourdes F. 2006, p. 43 á 44 [...]

As dificuldades de ensino-aprendizagem envolvendo alunos e professores têm servido de tema para os trabalhos de conclusão de curso superior de vários profissionais que revelam a preocupação com o índice de repetência e entre muitas causas citam as dificuldades que os alfabetizadores tem de se adaptar as “inovações” que na verdade são novos métodos de ensinar a ler e escrever.

Vale destacar que na cidade de Boca da Mata há oito anos a secretaria de educação vem oferecendo cursos aos professores na tentativa destes dominarem o método construtivista, porém as dificuldades sempre são colocadas em ênfase e a cada ano que passa aumentam, e a rotina é sempre a mesma as escolas iniciam o ano letivo com o método construtivista e terminam com o tradicional como tentativa de salvar almas.

“Um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado”
Soares, Magda(2003, p.39)

Sabe-se que a leitura não em um dom nato do ser humano é sim um bem a ser adquirido através de um processo de aprendizagem, sendo assim necessário que o método que se vai utilizar para cada caso deve ser estudado minuciosamente, sendo necessário que seja oferecido aos alunos das camadas populares uma escola que gere um processo de alfabetização adequado a estas camadas, e que assuma a realidade de seus estudantes como um desafio a ser estudado e superado da melhor forma, pois não se pode trabalhar educação longe do meio social dos estudantes e trabalhar educação é primordialmente desenvolver estratégias de leitura de fácil entendimento para os educandos como também para professores. É necessário eleger um método de ensino que dê segurança aos professores e que contemple as crianças advindas das classes menos privilegiadas de leitura que se encontram em processo de alfabetização, e que por vez seus pais também ignoram suas curiosidades lingüísticas, ora por serem analfabetos, ora por desconhecerem a importância que esta comunicação tem para a formação dos filhos.

“A leitura não é em principio uma atividade de transcrição, mas um trabalho direto sobre o código escrito, uma abordagem da informação visual para interpreta-lo, daí um sentido um valor.”
FOUCAMBERT(1997 P.18)

Portanto o ato de ler é um aprendizado que o ser humano precisa superar onde a leitura fortalece a medida que o ato de alfabetizar se constrói de modo a respeitar os níveis de aprendizagens do aluno, levando-o a dominar o código escrito aos poucos, causando-lhe um bem estar ao aprender e mostrando a importância de cada letra, cada palavra, cada frase aprendida pelos educandos, e levando-os a um bem estar também ao educador.

a capacidade de leitura depende do conhecimento de cada valor sonoro de cada letra ou de saber juntar uma letra a outra. É preciso conhecer as características da linguagem escrita, que mudam conforme o gênero do texto.
WEISZ (2002,P.44)

Refletindo sobre esta abordagem vemos a importância de uma aplicação de métodos de ensino que busque intervir para a melhoria do processo de alfabetização nas escolas. Pois, com um elevado índice de alunos que precisam ainda se alfabetizarem nas séries finais e participando ativamente da escola pública, os teóricos da aprendizagem foram buscando explicações para o fato, e assim descreveram extensas discussões sobre as teorias

que perpassam o fracasso escolar. E um dos principais pontos abordados é a metodologia ideal para o processo de alfabetização que já ocupou lugar central nas discussões educacionais, discutindo-se durante décadas qual seria o mais eficiente: se o sintético ou o analítico.

Porém é necessário que seja proporcionado aos alunos das camadas populares uma escola que gere um processo de alfabetização adequado as suas realidades e também professores que se sintam seguros ao alfabetizar que se reconheçam capazes de ensinar, uma vez que não se pode mais brincar de testar métodos alfabetizadores e comprometer o ensino de gerações, precisa-se sim de buscar mais subsídios para incrementar a metodologia que todos já dominam.

“O professor precisa envolver-se com a leitura enquanto objeto do conhecimento, compreendendo a natureza, os processos cognitivos nela envolvidos e o modo como a criança aprende.” Ferreira e Dias:(...)

Diante dessa compreensão, percebe-se que a progressão que eleva os caminhos do sucesso, se dá através da singeleza que o professor deverá exercer para melhor determinar suas conquistas, apontando assim uma percepção clara dos casos existentes em sua trajetória, sendo importante que ele busque aperfeiçoamento, a exemplo disso encontra-se a diversidade textual, que poderá e deverá ser aplicada na sala de aula, em virtude de uma melhor apreensão.

Sabe-se que quando se transmite uma aula com segurança o resultado da aprendizagem geralmente é satisfatório.

Além da escola pública não oferecer material suficiente para todos os seus alunos, onde muitas vezes os alunos são obrigados a dividir até mesmo o livro didático em salas de aula super-lotadas, ainda existe a realidade da família que é desprivilegiada de leitura, e preferem que em casa seus filhos trabalhem ajudando-as.

O que se quer demonstrar com esta pesquisa é que a maioria dos professores de rede pública tenta usar sim o método construtivista só que de uma maneira inadequada e dentro de uma realidade que nada convém para estes educandos e desta forma este método pode está prejudicando ainda mais o sucesso escolar de alguns alunos.

A valorização da escola como instrumento de apropriação do saber é o melhor serviço que se presta aos interesses populares, já que a própria escola pode contribuir para eliminar a seletividade social [...]. Assim, a condição para que a escola sirva aos interesses populares é garantir a todos um bom ensino, (LIBÂNEO, 1985,p.39)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todo o trabalho realizado e aqui apresentado foi baseado em pesquisas bibliográficas, onde se destacaram grandes teóricos entre eles: Bortoni Ricardo, Silveira Maria Inez. Cavalcante, Maria Auxiliadora da Silva e os PCN's, que acreditam na

formação de cidadãos, diagnosticando que a Escola é simplesmente o ponto chave para o desenvolvimento do ensino da língua, ensino este que respeite o processo de aprendizagem do aluno, que vibre a cada etapa alcançada, tornando o aprendiz capaz de codificar, decodificar, interpretar e produzir textos. Pois em determinados casos não é aconselhável inverter o processo.

As estratégias que estão sendo utilizadas ao se trabalhar à diversidade textual e a contribuição que cada tarefa deu ao processo uma melhoria em relação à leitura, a escrita, à interpretação e produção os resultados mostram que é preciso que nas aulas de português sejam dadas aos alunos oportunidades de aprendizagem valorizando sua cultura e respeitando seus limites.

Enfim, se faz de fundamental importância que se ocupe as aulas de português, das séries iniciais com tarefas que levem os alunos a se alfabetizarem, a simplesmente conhecer e reconhecer ao menos o alfabeto e seu próprio nome, para assim, poder dá início ao processo de letramento. Uma vez que é de fundamental importância não criar uma crise de insegurança no aluno que está chegando na escola e podá-lo em relação a leitura e nos anos subsequentes aprova-lo sem nada aprender apenas por determinação do sistema.

REFERÊNCIAS

- BORTONI,Ricardo. STELLA, Maris. Educação em língua Materna: As Sociolinguística na sala de aula (p.13)- São Paulo. Parábola Editorial, 2004
- CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva, FUMES, Neiza de Lourdes Frederico(org.) Educação e Linguagem :saberes, discursos e práticas. P. 43 a 44- Maceió: Edufal -2006
- DITRTRIZES E BASES DA CONSTITUIÇÃO/
- FOUCAMBERT, Monique. A condição humana ou leitores escritores na pré-escola. Ver. Trino 1. São Paulo, Escola Vila, 1997.
- LIBÂNEO. José. Carlos A democratização da escola pública .p.39. São Paulo.Loyola 1985
- MOURA, Denilda.org. Língua e ensino: dimensões heterogêneas?Maceió:EDUFAL, p.69, 2000
- PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS 1997 P.33 E 34
- RODRIGUES Cinthia e RODRIGO Ratier: Revista Nova Escola, Editora Abril, 2010, p.2
- SILVEIRA,Maria Inez Matoso. Modelos teóricos e estratégias de leitura:suas implicações no ensino, Maceió, e Edufal p.129, 2005